

ORAÇÕES ENTRELAÇADAS¹

Clóvis Barleta de MORAIS²

- RESUMO: Há períodos de três orações das quais a segunda, aparentemente introduzida por um pronome relativo, é na verdade uma oração "solta", principal da última, que por isso tem duplo valor, geralmente adjetiva e substantiva. Já existiam em latim e sobreviveram nas línguas românicas; em português são conhecidas nos três períodos da língua, mas receberam pouca atenção de nossos gramáticos e professores, que ainda se mostram admirados quando confrontados com uma estrutura tão exótica.
- PALAVRAS-CHAVE: Orações subordinadas; estrutura sintática irregular.

Apresentação

É costume dizer que o período composto pode ser formado por coordenação ou subordinação (e alguns autores brasileiros acrescentaram, sem razão, a justaposição e a correlação). Mas coordenação e subordinação não são fenômenos afins, e o termo *coordenação* tem sido usado com dois sentidos: pode referir-se à *natureza* de uma oração (no sentido de "essência", em oposição a *acidente*) ou ao *modo de ligação* das ora-

1 O assunto, agora revisto e aumentado, foi tratado na tese de doutoramento do autor, *Contribuição ao estudo das orações subordinadas adjetivas nas línguas românicas*, 1973. Por sugestão do orientador, apresentamo-lo numa das reuniões do GEL.

2 Departamento de Linguística - Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - 14800-901 - Araraquara - SP - Brasil.

ções. Assim, *oração coordenada* pode significar, por um lado, “oração independente”, e, por outro, “oração justaposta ou conexa”.

É curioso observar como ficam marginalizadas certas idéias claras e simples, ditas há muito tempo, ao passo que algumas inexatidões continuam sobrevivendo até hoje. Um modesto compêndio francês de meados do século XIX ensinava que “Há três espécies de orações: a oração *independente*, a oração *principal* e a oração *subordinada*” (Larive, 1899). Assim, quanto à *natureza*, as orações podem ser independentes, ou principais e subordinadas, como tão bem explicou o lúcido Gama Kury (1985). As independentes podem aparecer sozinhas (absolutas) ou agrupadas (coordenadas), e é por isso que certos autores dizem *orações independentes coordenadas* (e não simplesmente *coordenadas*). As principais e as subordinadas sempre andam juntas.

O *modo de ligação* das orações é outra coisa. As orações podem estar ligadas entre si por *justaposição*, por *conexão simples* ou por *correlação*. Há justaposição quando uma oração se segue simplesmente a outra, sem estar vinculada a ela por nenhum conectivo (conjunção): *João trabalha, estuda*. A conexão simples ocorre quando aparece uma conjunção: *João trabalha E estuda*. E tem-se conexão enfática ou correlação quando as orações estão mais fortemente ligadas por locuções conjuncionais correlativas: *NÃO SÓ trabalha, MAS TAMBÉM estuda* (Morais, 1981, 1988).

O conceito de subordinação é de essência, e se refere à natureza da oração; o de coordenação (no sentido de “modo de ligação”) é acidental, e *não interfere* na natureza das orações. Por coordenação se podem unir orações da mesma natureza: uma independente a outra independente, uma principal a outra principal, uma subordinada a outra subordinada. Trata-se, pois, de um processo formal de ligação ou relacionamento de orações que não se opõe, de modo nenhum, à subordinação. Tanto assim que pode haver orações subordinadas a uma mesma principal e coordenadas entre si; isto é, são por natureza orações subordinadas, e estão ligadas (coordenadas) entre si. Coordenação e subordinação são fenômenos distintos que podem coexistir.

As conjunções coordenativas ligam sempre elementos da mesma natureza: um sujeito a outro sujeito, uma oração adverbial a outra oração adverbial. A conjunção *e*, por exemplo, como que equivale a um sinal de igual (=): o que vem depois dela tem de ser igual ao que veio antes. Como em aritmética, não se pode somar batatas com cadeiras.

Coordenados são os elementos iguais que estão juntos, formando uma *seqüência*. Assim, duas orações que “são” *independentes*, podem “estar” coordenadas entre si (o mesmo para as principais e subordinadas).

Finalmente as orações subordinadas podem ter o *valor* de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio.

Vejamos agora as orações entrelaçadas. Em

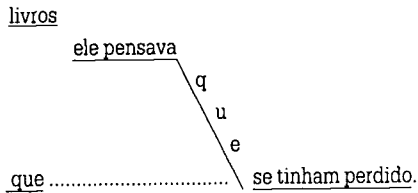
Aqui estão os livros que se tinham perdido,

temos uma oração principal seguida de uma adjetiva ligada a *livros*. Estrutura clara, simples, coerente. Mas é possível intercalar entre elas uma terceira oração, assim:

Aqui estão os livros que ele pensava que se tinham perdido.

Esse é o tipo mais comum da construção que os gramáticos chamam *oração entrelaçada*, os franceses *période entrelacée* (Bourciez, 1956, § 252c), os ingleses *interwoven clauses* (Kruisinga, 1932, § 2333).

O Prof. Isaac Nicolau Salum, orientador de minha tese, usava o seguinte esquema, simples e claro:



O período é formado por três orações, das quais a primeira e a segunda são orações principais; a terceira tem duplo valor: é ao mesmo tempo substantiva e adjetiva. O pronome relativo *que*, que parece introduzir a segunda oração, na verdade pertence à terceira. As afirmações são surpreendentes; devemos estar cientes de que as línguas nem sempre têm construções coerentes, normais, “lógicas”.

Aqui estão os livros é a oração principal da terceira, *que se tinham perdido*.

Que se tinham perdido é subordinada adjetiva em relação à primeira.

Ele pensava é oração principal de *que... que se tinham perdido*, e esta é substantiva objetiva direta em relação à segunda.

Enfim, a última oração é, *ao mesmo tempo*, substantiva E adjetiva, ou substantiva-adjetiva, presa por duas “pontas” (uma conjunção integrante e um pronome relativo) a duas orações principais.

E não há relação nenhuma entre as orações *Aqui estão os livros e ele pensava*.

Tipos de orações entrelaçadas

Substantivas-adjetivas

Aparecem dois *quês*, o primeiro pronome relativo, o segundo conjunção integrante. A oração substantiva tem um de seus termos representado por um relativo, que pode ser sujeito, objeto direto.

“Uma sala que parece que não tinha fim” (G. Coutinho, *Confidências*, cap. I, p.8).

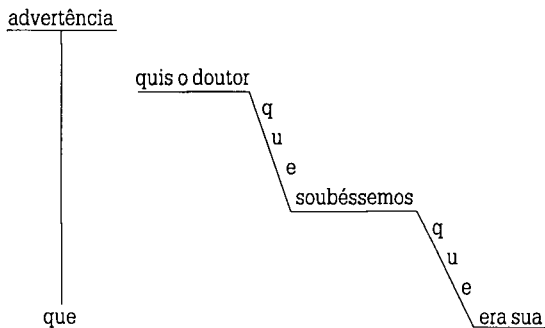
“Mulher néscia, cousa é pesada, mas não insofrível; procure o marido emprestar de seu juízo às ações de sua mulher aquela discrição que vir que lhe falta” (F. M. de Melo, *Carta de guia*, cap. VII, p.126).

“sofri o que é muito bem feito que sofra todo o renegado...” (Garrett, *Viagens*, cap. XII, p.88).

“Bem sabes toda a maldade que o teu coração reconhece que fizeste a Davi” (Almeida, *1 Reis* 2.44).

Mais raro é o caso em que o relativo pertence não à terceira, mas à quarta oração.

“É advertência de Santo Ambrósio, e advertência que quis o grande doutor que soubéssemos que era sua” (Vieira, *Sermões*, v.I, col. 242).



Não aparecem os dois *quês*:

- quando há elipse da conjunção integrante, certamente motivada pelo desejo de variar:

“Agora pedir-vos-ei a mercê que espero me concedais” (Herculano, *Monge*, cap. VIII, p.119).

"Deste orgulho, que eu suponho não existirá de hoje a cem anos, () resultou a facilidade com que fui ontem procurar D. Rosa" (Camilo, *A filha do arcebispo*, cap. XXIX, p.202).

"Contar-lhe-ia que os dous meninos de mama, que ela predisse seriam grandes, eram já deputados" (Machado, *Esau e Jacó*, cap. CXVIII, p.233).

"E o enfermeiro que não tem coração para negar ao doente o púcaro de água que sabe lhe fará mal, () não mostra verdadeiro amor" (Bernardes, *Luz e calor*, p.55).

• *quando* se usa outro relativo:

"O que vou referir-vos foi dito há dezenove anos por Dias na véspera de partir-se para o sertão, de onde um pressentimento lhe advertia que não devia voltar" (Alencar, *As minas de prata*, v.I, cap. V, p.53).

"o filho, de quem [ela] sabia que eu não gostava muito nem pouco" (Machado, *Memórias póstumas*, cap. XC, p.238).

"para vós, envenenadores impunes, () as caudais de sulfúrio em combustão eterna nas furnas tartáreas, onde é de fé que dá urros medonhos um condenado chamado Nicot, que trouxe para a Europa o tabaco" (Camilo, *O que fazem mulheres*, p.13).

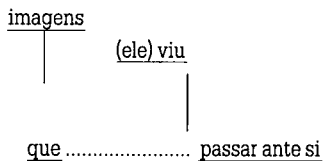
"salas () onde () hoje tenho provas de que a minha reputação de probidade podia perigar" (Herculano apud O. Mota, *Lições de português*, p.311).

"Cristo, () ao qual é necessário que o céu receba até aos tempos da restauração de todas as cousas" (Figueiredo, *Atos 3.20-21*).

• *quando* a oração substantiva é reduzida de infinitivo:

Outro recurso da língua literária para evitar a repetição dos *quês* é o emprego do verbo da terceira oração no infinitivo, do qual o relativo é quase sempre sujeito.

"É então que ele colige as suas recordações; une, parte, transmuda as imagens das existências que viu passar ante si" (Herculano, *Eurico*, cap. V, p.36).



"ir saber a causa do sorriso quase imperceptível que viu roçar os lábios de Helena" (Machado, *Helena*, cap. VIII, p.60).

"apareciam facilmente testemunhas, que depois se provava serem falsas" (Herculano, *Inquisição*, v.I, p.119).

"Pelo contrário, os que se tem por notório e incontestável excederem o nível da instrução ordinária, esses para nada servem" (R. Barbosa, *Oração aos moços*, § 75, p.90).

"aparelhou o velho profeta o seu jumento para o profeta a quem tinha feito voltar" (Figueiredo, *3 Reis = 1 Reis* 13.23, 26 – a quem é o sujeito de voltar).

"um homem a quem () se fizera crer na possibilidade de lhe suceder a ele" (Herculano, *Monge*, cap. XVI, p.51, 30 – a quem é o sujeito de crer).

Não é o mesmo caso o deste exemplo: "daquelas velhas coisas, () a que gostei mais de ver foi um belo jarrão de porcelana da China" (L. Barreto, *Clara dos Anjos*, p.246). O que é objeto direto de *ver*, mas *gostar de ver* forma uma locução verbal, e não duas orações.

- quando a oração substantiva é interrogativa indireta:

"E esta exaltação () com que ouço falar em () filósofos que não sei se existiram!" (G. Ramos, *Caetés*, cap. XXXI, p.268).

"Havia outras [considerações] () que ela sabe se eram piores ou melhores" (Herculano, apud O. Mota, *Lições*, p.311).

"Qual é para mim a liberdade religiosa?! É a liberdade religiosa anunciada por Jesus de Nazaré, personagem com quem não sei se os neocatólicos tem íntimo conhecimento" (Herculano, *Casamento civil*, terceira carta, p.5 – Até o século passado não havia distinção entre *ele tem* e *eles tem*, *ele põe* e *eles põe*).

Adverbiais-adjetivas

Muito menos comuns que as substantivas-adjetivas são as adverbiais-adjetivas, isto é, orações adverbiais que têm um de seus termos representado por relativo. Um dos tipos, semelhante ao das substantivas-adjetivas, ainda se encontra na linguagem moderna. É o do

- *relativo* e infinitivo regido de preposição:

"Mas aquele olhar de independência, que tanto nos separava, havia passado, cedendo lugar a uma humilde tristeza que bastaria uma palavra minha para esvanecer" (F. Sabino, *A vida real*, p.45).

Há outro tipo mais raro, com o pronome *o qual*:

"esta reunião de elementos () tão heterogêneos é uma porção da sociedade que pretensiosamente se decora com o título de elegante, e

para pertencer à qual é difícil fazer resenha dos requisitos necessários" (J. Dinis, *Uma família inglesa*, cap. III, p.27).

"matérias para estudar seriamente as quais é necessária maior contensão de espírito do que lhe consentia a ele a demasiada vivacidade do seu talento mais pronto que sólido" (Herculano, *Casamento civil*, quarta carta, p.10).

"bateria [=bateria] de tentações, para resistir às quais é necessário que as suas potências estejam bem habituadas" (Bernardes, *Os últimos fins do homem*, p.228).

Depois de apresentar um exemplo idêntico – *É problema para resolver o qual são necessárias duas condições* –, Dias (1918, § 367) observa: "Todavia evita-se esta construção quanto possível, e diz-se por ex.: *É problema para cuja resolução são necessárias duas condições*". O exemplo foi escolhido a dedo; é que nem sempre existe o substantivo abstrato para substituir a construção de infinitivo. Nos exemplos anteriores, poderíamos dizer *para cujo estudo sério*, mas não **para cuja pertinência* nem **para cuja resistência...*

- *relativo* e conjunção subordinativa:

Parece construção própria da língua clássica. É diferente das outras porque o relativo não pertence à terceira oração, mas à segunda mesmo, tornando impraticável o esquema gráfico do Prof. Salum.

"dando () ordem aos criados, que subindo-se à rocha, vissem o sucesso do desafio, no qual se ele morresse ficando a fera viva, tratassem de salvar-se fugindo" (Bernardes, *Nova floresta*, v.I, p.357, citado por M. Barreto, *Novos estudos*, p.260).

"cachorrinhos de manga, que se adoecem de puro mimo, se chama o mais perito na arte de os curar" (ibidem, v.V, p.31-2, citado por M. Barreto, *Novos estudos*, p.261, que transcreve também exemplo idêntico do v.IV, p.444).

"Esperas porventura no Egito, que é um bordão de cana e rachada, sobre a qual se o homem se firmar, esmigalhada se lhe meterá pela mão, e a traspassará?" (Figueiredo, *4 Reis = 2 Reis* 18.21). Construção regular: cana rachada, que se meterá pela mão do homem se este se firmar sobre ela.

"Só da parte ocidental () oferece uma costa alguma cousa menos íngreme, a qual se fora cortada, () tínhamos aqui () uma daquelas forças () inexpugnáveis" (Luís de Sousa, *História de S. Domingos*, 1ª parte, livro 1º, cap. XII, p.63).

"Conta Solino que há i ua fonte no Epiro, onde se metem ua tocha apagada, sai acesa" (Heitor Pinto, apud Dias, 1918, § 367).

“rei () em cujas mãos se cairmos, é certa a pena merecida” (Bernardo de Brito, apud Barreto, 1927, p.94).

Barreto (1927, p.260) traz ainda três exemplos de Camões, *Os Lusíadas*, I, 33; III, 16; e III, 21.

• *relativo* e gerúndio:

Aqui também o relativo pertence à própria oração de gerúndio.

“E logo aqueles etíopes, arrebatando-me furiosamente, me açoutaram e derribaram em terra; a qual abrindo-se, fui levado por umas cavernas medonhas” (Bernardes, *Nova floresta*, v.I, p.139).

“Achava-se ali um moço hebreu, () ao qual referindo nós os sonhos, ouvimos tudo o que depois comprovou o sucesso” (Figueiredo, *Gênesis* 41.12-13).

moço

ouvimos tudo o

que o sucesso comprovou
ao qual referindo nós os sonhos

“e lhes mostrei os meus juízos, observando os quais viverá o homem por eles” (Figueiredo, *Ezequiel* 20.11). A construção regular é: E lhes mostrei os meus juízos, pelos quais o homem viverá se os observar.

• *relativo* e participio:

“[O oculista] encontra em cada zona um reduzido número de clientes, curados os quais, ou desenganados, força é que abale da freguesia” (M. Lobato, *Cidades mortas*, p.229).

“os dous meteram-se em casa durante três meses, findos os quais depositaram nas augustas mãos a obra acabada” (Machado, *Páginas recolhidas*, p.20).

“Viu de esguelha o sapateiro () dar um último polimento à sua obra; feito o quê arranjou o embrulho” (Alencar, *A pata da gazela*, cap. VI, p.66).

“Ora, o tempo que os filhos de Israel tinham morado no Egito, foram quatrocentos e trinta anos; completos os quais todo o exército do Senhor nesse mesmo dia saiu da terra do Egito” (Figueiredo, *Êxodo*, 12:40-41).

“Nós te suplicamos também que perdoes esta iniquidade aos servos do Deus de teu pai. O quê ouvido, chorou José” (idem, *Gênesis*, 50:17).

“Contou-lhe o caso todo. De quê admirado o amigo, rompeu dizendo (...)” (Bernardes, *Nova floresta*, v.I, p.405).

“o tormento da túnica molesta (), que era uma camisa justa, banhada em materiais mui combustíveis, a quê pegado o fogo, consumia-se o padecente queimado vivo” (*Paraíso de contemplativos*, p.73-4).

Adjetivas-adjetivas

São raros, embora talvez não provoquem excessiva estranheza, os exemplos de adjetivas-adjetivas, ou seja, orações que têm *dois* relativos.

“Sob aquela árvore está o monumento de onde sai a voz que todo homem que ouve perde o juízo e fica esmorecido para sempre” (adaptação moderna de um texto da *Demanda do Santo Graal*, cap. LVII, p.75).

voz

todo homem perde o juízo

que que ouve

“escudo () no qual todos os que punham fitos os olhos, ficavam pedras” (Heitor Pinto, apud Dias, 1918, § 376).

“Mas este bom soldado, cujo nome / Não há poder algum que não abata / Foi, Marília, somente / Um ditoso pirata, / Um salteador valente” (Gonzaga, *Marília*, lira XXVIII – Isto é, esse nome abate todos os poderes).

“Desta o pastor nasceu, que no seu nome / Se vê que de homem forte os feitos teve; / Cuja fama ninguém virá que dome, / Pois a grande de Roma não se atreve” (Camões, *Os Lusíadas*, III, 22).

Isso é o único bem do qual aquele que se apodera, é necessário que seja feliz.

“*Destarte, outrossim, obterperar* são verdadeiros palavões que, francamente, não há cristão que me obrigue a empregar” (F. Sabino, *A falta que ela me faz*, p.112).

Substantiva-adverbial

“Inclinou-se o Senhor à terra, fez com a mão onipotente um pouco de lodo, aplicou-o aos olhos do cego; e *quando parece* que lhos havia de escurecer e cegar mais com o lodo, com o lodo lhos abriu e alumiou” (Vieira, *Sermões*, v.I, col. 613).

“Eu agora mesmo o abomino como nunca pensei que se pudesse abominar!” (Camilo, *Amor de perdição*, cap. IV, p.64).

“Sou uma mulher que te amava como creio que ordinariamente se não ama” (Garrett, *Viagens*, cap. XXXIII, p.239 – *como pertence à oração de que ordinariamente se não ama*).

As orações entrelaçadas e as gramáticas

As orações entrelaçadas, apesar de não serem raras, não mereceram a atenção de muitas e boas gramáticas portuguesas, não obstante as observações de três gramáticos conceituados. É verdade que nem sempre foram muito felizes as explicações desse trio, que também não chegou a imaginar o esquema claro do Prof. Isaac Salum. Mas é preciso reconhecer a perspicácia deles e seu mérito como pioneiros entre nós.

Epifânio Dias estudou as entrelaçadas francesas em sua *Gramática francesa* (§ 385e). Os franceses já haviam dado com o problema havia muito tempo: está nas *Remarques sur la langue françoise* de Vaugelas (1647), na *Grammaire nationale* de Bescherelle (1834), em Ayer, *Grammaire comparée* (1876), bem como em gramáticos modernos: Nyrop, Ferdinand Brunot, Le Bidois, Grevisse, Wartburg et Zumthor. Dias estudou-as na *Gramática portuguesa* (1878, § 245, p.142) e na sua *Sintaxe histórica portuguesa*, póstuma (1918, § 367, p.278-9). Nos *Novos estudos da língua portuguesa* de Mário Barreto (cap. XI) vêm comentários e exemplos de orações entrelaçadas, bem como em *Através do dicionário e da gramática*. Otoniel Mota consagra ao assunto cinco parágrafos da Lição LIX da 3ª edição das suas *Lições de português* (p.110). É preciso mencionar ainda o *Ensaio sobre os latinismos nos Lusíadas* de Correia da Silva (1931), e Sousa da Silveira (1960, p.89). Mais recentemente apresentaram observações a respeito das orações entrelaçadas Evanildo Bechara (1975, p.246, 1985) e Gama Kury (1985).

Mas não há nada sobre o assunto nas obras de Júlio Ribeiro, Ernesto Carneiro Ribeiro, Grivet, Maximino Maciel, Ribeiro de Vasconcelos, Adolfo Coelho, Antônio Augusto Cortesão, João Ribeiro, Carlos Góis, Eduardo Carlos Pereira, Mário Pereira de Sousa Lima, Rocha Lima, Gladstone Chaves de Melo, Celso Cunha.

O que causa maior admiração é a ausência de menção do assunto em Said Ali, o atilado pesquisador que perscrutou com tanto cuidado a

sintaxe portuguesa, explicando construções que ninguém antes dele havia sequer mencionado.

MORAIS, C. B. de. Interwoven clauses. *Alfa (São Paulo)*, v.44, p.235-246, 2000.

- **ABSTRACT:** *In some three-clause complex sentences, the second one, apparently introduced by a relative pronoun, is in fact a "detached" clause, which in turn is the main clause of the last one. Therefore this last clause has a double value: it generally is a noun and an adjectival clause. They already existed in Latin and survived in the romance languages. They are present in the three periods of Portuguese language development, but received little attention of our grammarians and teachers, who are still amazed when they face such unusual structure.*
- **KEYWORDS:** *Subordinate clauses; irregular syntactic structure.*

Referências bibliográficas

- BARRETO, M. *Novos estudos da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1921.
- _____. *Através do dicionário e da gramática*. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1927.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 19.ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1975.
- _____. *Lições de português pela análise sintática*. 13.ed. rev. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.
- BOURCIEZ, É. *Eléments de linguistique romane*. 4.éd. Paris: Klincksieck, 1956.
- DIAS, A. E. da S. *Gramática portuguesa*. 2.ed. rev. Porto: Livraria Moré, 1878.
- _____. *Gramática francesa*. 8.ed. Porto: Livraria Universal, 1895.
- _____. *Sintaxe histórica portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1918.
- KRUISINGA, E. *A Handbook of Present-Day English*. Part II. English Accidence and Syntax. 3. 5.ed. Groningen: P. Noordhoff, 1932.
- KURY, A. da G. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 1985.
- LARIVE ET FLEURY. *La deuxième année de grammaire*. 95.éd. Paris: Armand Colin, 1899.

- MORAIS, C. B. A correlação em português. In: *Estudos de filologia e lingüística*, miscelânea em homenagem a Isaac Nicolau Salum. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981.
- _____. Senão... ao menos: da oração concessiva à locução conjuncional correlativa. *Alfa (São Paulo)*, v.32, 1988.
- MOTA, O. *Lições de português*. 8.ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1938.
- SILVA, C. E. C. da. *Ensaio sobre os latinismos nos Lusíadas*. Coimbra: França Amado, 1931.
- SILVEIRA, S. da *Lições de português*. 6.ed. melhorada. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1960.